

“Minhas queridas parteiras”: entrevista com Dona Zenaide

“My dear midwives”: an interview with Dona Zenaide

Luciana Eliza dos Santos^{1*} , João Francisco Migliari Branco²

¹Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Educação, São Paulo, SP, Brasil

²Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Educação, Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA), São Paulo, SP, Brasil

COMO CITAR: SANTOS, L. E.; BRANCO, J. F. M. “Minhas queridas parteiras”: entrevista com Dona Zenaide. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 19, spe 3, e19478, 2024. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v19i00.1947801>

Resumo

Este texto apresenta uma entrevista realizada com uma parteira tradicional acreana, Dona Zenaide, somada às informações biográficas e reflexões finais. A entrevista temática teve como disparador a primeira hora de vida do bebê, o que permitiu percorrer o tema do parto tradicional. A partir do relato direcionado que, não obstante, expressa aspectos da memória social e coletiva do trabalho das parteiras brasileiras amazônicas, o depoimento concede elementos qualitativos para a compreensão da prática do nascimento na ação tradicional em regiões rurais, como os seringais, as terras indígenas, quilombolas e demais regiões atendidas pelos saberes tradicionais da terra. Representa, assim, elementos da educação tradicional e comunitária amazônica, transmitida entre gerações e culturas.

Palavras-chave: parteira tradicional; memória; educação; saberes ancestrais.

Abstract

This study features an interview with Dona Zenaide, a traditional midwife from Acre, and includes biographical details and personal reflections. The interview began by focusing on the baby's first hour of life, opening the door to a discussion about traditional childbirth. Drawing on a targeted report reflecting the social and collective memory of Amazonian Brazilian midwives, interviews provide a qualitative understanding of conventional birth practices in rural settings—such as rubber plantations, Indigenous and Quilombo territories, and other regions relying on local knowledge. This shows the intergenerational and intercultural transmission of traditional and community Amazonian education.

Keywords: traditional natural childbirth; memory; education; ancestral knowledge.

APRESENTAÇÃO

*Diante do perigo, a holotúria se divide em duas:
deixando uma metade ser devorada pelo mundo,
salvando-se com sua outra metade.

Ela se bifurca subitamente em naufrágio e salvação,
em resgate e promessa, no que foi e no que será [...].

Se há balança, nenhum prato pesa mais que o outro.

Se há justiça, ei-la aqui.*

*Morrer apenas o estritamente necessário, sem ultrapassar a medida.

Renascer o tanto preciso, a partir do resto que se preservou [...].

Aqui o coração pesado, ali o Não Morrer Demais,
três pequenas palavras que são as três plumas de um voo. (Autonomia, de Wislawa Szymborska).*

***Autor correspondente:**
lucianaeliz@gmail.com

Submetido: Julho 12, 2024

Revisado: Setembro 02, 2024

Aprovado: Outubro 29, 2024

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética:
Não se aplica.

Disponibilidade de dados: Os dados da pesquisa não estão disponíveis.
Trabalho realizado na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Figura 1. Dona Zenaide. Estúdio Baquemirim, Rio Branco, Acre. Instrumentos regionais: espanta-cão; pandeirões; pandeirão de apuí, zabumba, maracas, colheres.

A voz de uma parteira tradicional, nos convocando a sentir e refletir sobre a vitalidade do seu trabalho exatamente onde pulsa a Amazônia, é o que dá corpo a presente entrevista. Por meio desta voz, caminhos plurais são percorridos – e descobertos. Por exemplo, é previsível que uma parteira seja indagada sobre quantas pessoas ajudou a vir ao mundo pelas suas mãos; intangível, porque inconcebível, é saber quantas mulheres e crianças deixaram de morrer por causa das mesmas mãos, por onde o conhecimento ancestral propicia a vida na hora da “precisão”¹.

Assim, a entrevista expressa parte da perspectiva e experiência da parteira tradicional acreana Maria Zenaide de Souza Carvalho (Figura 1), descendente da cultura Ashaninka² por parte de mãe e de nordestinos por parte de pai, sendo criada na tradição indígena e seringueira. Nasceu em 07/05/1957, na região do Alto Tarauacá e município de Jordão; cresceu no Alto Juruá, perto da fronteira com o Peru, onde aos dez anos fez o seu primeiro parto sozinha, conforme ela relata³. Hoje, já são cerca de quatrocentas crianças nascidas por meio de sua ação, que é autônoma, por meio do seu conhecimento no meio onde vive; e também associativa, considerando sua constante articulação com parteiras, lideranças indígenas, seringueiros e religiosos.

Após os onze anos de idade, Zenaide passou a viver no município de Marechal Taumaturgo, Alto Juruá, onde se alfabetizou com a ajuda de um seringueiro chamado Zé Pretinho - e que tinha a prática de ler cordéis para as crianças. Ela conta que, ao chegar em casa, era ensinada pelo pai a memorizar esses cordéis por meio de melodias, para não esquecer. Tal movimento lhe permitiu aprender pela oralidade, pelo repertório e pelas melodias, tratando-se de uma forma de compreensão verbal muito mais engajada na memorização e na já citada oralidade do que na escrita.

Zenaide teve muitas experiências em um contexto histórico onde os indígenas são seringueiros e os seringueiros sobrevivem graças ao modo de vida indígena. Ela destaca a comunidade Seringal Restauração, localizada na foz do Rio Machadinho, e seringais onde viviam os indígenas Kuntanawa, onde Zenaide aprendeu sobre letramento e teve a oportunidade de alfabetizar cerca de 60 pessoas. Em 1994, fez seu primeiro curso de parteira e, em seguida, viajou para Pernambuco, onde fez uma especialização também na área de parto tradicional e estabeleceu contatos com outras parteiras tradicionais e indígenas. No município de Marechal

¹ Hora do parto.

² A região do Alto Juruá faz fronteira com o Peru, dividindo sua bacia hidrográfica entre áreas indígenas, estando a oeste o povoKampa do Rio Amônea (Terra Indígena Kampa do Rio Amônea), ao norte o povoJaminawá-Arara, ao sul o povoKampa do Rio Breu e Kaximinaua e a leste o povoKaximinaua, todos em território brasileiro e pertencentes a cultura Ashaninka, entre Brasil e Peru. Existe a nomenclatura Kampa, dada aos Ashaninka pelo homem branco, os seringalistas (Memorial Chico Mendes, 2024).

³ Zenaide já vinha observando e ajudando sua mãe, parteira, para um dia ser parteira também, como ocorre tradicionalmente. Nesta ocasião, havia duas mulheres parindo, uma de cada lado do rio Juruá, em Marechal Taumaturgo: e assim a mãe dela fez um parto e ela fez outro, em cada margem do rio.

Thaumaturgo, Zenaide auxiliou médicos em partos e se articulou com a Associação de Parteiras Tradicionais da Floresta Maria Esperança, organização que reúne mulheres da Reserva Extrativista do Alto Juruá, para as quais Zenaide dedica a canção “Minhas queridas parteiras”. Mudou-se para o município de Rio Branco em 2001, onde também se engajou como liderança do movimento das parteiras, incentivando a autonomia das mulheres e a busca de direitos para as parteiras como trabalhadoras tradicionais e para as mulheres frente à sociedade patriarcal. No acompanhamento da gestação e nascimento, Zenaide utiliza conhecimentos da floresta e une tradição indígena e elementos da cultura regional; tal acompanhamento envolve pré-natal, pré-parto e parto, sendo fundamental a análise das mudanças no corpo da mulher em todos os momentos.

A intensidade da gestação de uma criança encontra no relato de Zenaide uma frase emblemática: “a mulher, quando engravidia, ou pare ou morre”. Assim, a ajuda mútua realizada pela parteira é uma forma de resistência, sobrevivência e autonomia que inscrevem no território um processo conectado com a cultura e a natureza. Trata-se, aliás, de um interessante contraponto se observamos que o parto institucionalizado pelo hospital impõe à gestante outro tipo de “cultura” de sobrevivência, isto é, funcionalizado pelo tecnicismo e pela impessoalidade das empresas de saúde, cujas formas de emoção em torno do parto são também produtos. A parteira tradicional é parte de um contexto sociocultural: as pessoas procuram seu conhecimento ancestral na hora da “precisão”. E lembremos: essa hora (o nascimento do bebê) ou é entregue às instituições ou à ancestralidade; nesta última, as manifestações do corpo mediante o nascimento de um bebê expressam o pertencimento de mulheres e homens à natureza.

Zenaide utiliza a canção e projeta o amor nos seus partos como forma de aconchegar a mulher e receber a criança num mundo bem diferente do calor e da segurança do ventre da mãe. Reconhece, assim, a natureza como protetora das parteiras e das mulheres no momento do parto. Se movendo entre as margens que de um lado apontam para a criação e de outro para a carga de violência do patriarcado, Zenaide sofreu o flagelo imposto pelas faces machistas e violentas que assolam a vida das mulheres nos seringais e na Amazônia. Ao sofrer uma tentativa de estupro, recebeu agressões a ponto de perder totalmente a visão do olho esquerdo - e essa marca reforça ainda mais sua posição crítica diante das desigualdades sociais e econômicas entre homens e mulheres. Assim, a parteira é o socorro e a necessidade: sua presença é para que as mulheres não morram e as crianças nasçam na alta floresta, como canta em “Vamos dar valor”. Nesta canção, a melodia feita por Zenaide é inspirada no hino da borracha, “Vamos dar valor aos seringueiros”. Ao recorrer à melodia e ao tema da valorização da profissão, Dona Zenaide equipara trabalho e necessidades extremas da floresta, em regiões onde poucos conhecem a sobrevivência e muitos conhecem a exploração violenta da borracha.

1. “Vamos dar valor (marcha, Gm)”:

*Vamos dar valor a essas parteiras
Vamos, vamos, vamos pessoal
Pois são as pobres dessas parteiras
Que desenvolvem um trabalho tão legal*

*São elas que estão
Espalhadas a trabalhar
Lá dentro dos municípios
Sem o dinheiro ganhar*

*Quando chega aquele dia
Na hora da precisão
Ela logo se apressa
E segue na direção*

*Anda quatro a cinco horas
Com seus pezinhos no chão
Muitas vezes até doente
E sem alimentação.*

Sua trajetória mostra que Zenaide é compositora e cantora de canções sobre sua terra, os rios que a circundam e sua cultura; os ritmos são regionalmente chamados de baques de samba, marcha e cordéis, conforme a rica cultura regional amazônica acreana. Vivendo atualmente em Rio Branco, a parteira trabalha com a difusão da sua arte musical, participando de projetos, organizações não governamentais e parcerias com governos; tais movimentos têm trazido gradativo reconhecimento das tradições de mestres e mestras da cultura acreana, evidentemente sufocada pela indústria cultural brasileira e internacional⁴. Por fim, e ainda a título de introdução, cabe destacar o significado profundo da região onde vive: não se trata de Acre como azedo, mas *Akiri*, que significa “rio dos jacarés” na língua *Arawá* e é nome da canção de outro mestre, *Txai Macedo*⁵. Nas margens dos rios, a entrevista traz à tona o conhecimento de Zenaide e destaca uma forma de educar movida por algumas gerações de mulheres. Mulheres estas que viveram, e vivem, um conjunto complexo de relações entre afeto, violência, amor e autonomia. Exatamente como Dona Zenaide expressa nesta canção:

2. MINHAS QUERIDAS PARTEIRAS (Gm, samba)

*Minhas queridas parteiras
Desculpe não lhes ajudar
Que uma andorinha só
Não tem força pra avoar
Ainda que ela voa
Não pode se equilibrar
Pois a sua força é pouca
Não dá para chegar lá*

*Já voei pra todo lado
Não me deram atenção
Nem para eu conseguir
Uma gratificação
Agora em dois mil e dezessete⁶
A minha fé aumentou
Pode ser que os políticos
Nos preste atenção
Olhando o movimento
De nossa associação
Para ver o quanto sofre
Por falta de condição*

*Nós parteiras somos médicas
Na hora da precisão
Realizando todos os partos
Com dedicada atenção
Cuidando da parturiente
Para melhorar o padrão*

⁴ A instituição não governamental trabalha com mestres e mestras da música e da cultura popular acreana, buscando fortalecer o quanto o Acre existe pela sua cultura (Baquemirim, 2024a).

⁵ Txai Macedo é indígena e seringueiro, compositor e articulador da demarcação (Memorial Chico Mendes, 2024), e outras (Baquemirim, 2024b).

⁶ A cada ano, a cantora atualiza a música.

*Quase todos movimentos
Já ganham por trabalhar
Somente nós parteiras
Trabalhando sem ganhar
Lá dentro dos municípios
No vale do Juruá⁷.*

MÉTODO

Esta entrevista recorreu a recursos metodológicos da história oral (Meihy, 1996; Meihy; Holanda, 2007) e teve em seu horizonte a construção de uma narrativa ancorada na oralidade como fonte primária. Buscou-se, com isso, entrelaçar os nexos tecidos por meio da entrevista individual com o cenário sóciohistórico de onde fala a depoente; certamente, por fim, este movimento remete à memória coletiva e social relacionada à ação histórica das parteiras na Amazônia brasileira. Aqui, a entrevista percorre a realidade exposta por uma parteira acreana, relacionando as heranças culturais e parentescos de populações indígenas amazônicas com a presença dos seringueiros que lá se estabeleceram a partir de meados do século XIX. O encontro de indígenas e seringueiros e os desequilíbrios causados pela exploração da floresta pelo capital e por países colonizadores e imperialista repercutiu em muitos conflitos pela terra e pela vida na Amazônia. Igualmente, desaguou nas formas de resistência e sobrevivências culturais movidas pelas tradições indígenas e pelas tradições que migrantes nordestinos trouxeram para a vida no seringal, sendo esta marcada pela permanência noturna na densa floresta amazônica -uma vez que a extração da borracha ocorre na alta madrugada.

Na Amazônia, enquanto houve a exploração violenta da borracha, houve a escravização de indígenas e nordestinos – e consideremos que, com exceção dos indígenas isolados, os demais eram seringueiros. Mariana Pantoja (2008) explicita essa relação no estudo sobre “Os Minton”, família que resgatou a tradição Kuntanawa, devastada pelo seringalismo, e começou a questionar nomenclaturas socialmente atribuída a eles, tais como “caboclos”. Vale destacar também o trabalho do antropólogo TxaiTerri Aquino (Melgaço, 2024; Aquino, 2012), que faz uma importante ação política e cultural na região. Terri é autor do livro Papo de Índio, pela editora da Universidade Estadual do Amazonas, cujo título é o mesmo da coluna que, a partir de outubro de 1987, Terri assinou e organizou inicialmente no jornal A Gazeta, em Rio Branco. Assim, destacamos a cultura como um dos principais meios de articulação política, de preservação e de geração de renda local, num movimento oposto ao desenvolvimento capitalista, pautado pelo racismo cultural e ambiental. Uma referência de articulação foi a União dos Povos da Floresta, idealizada por Chico Mendes e outros articuladores da luta social no Acre e formalizada em 1987, reunindo indígenas e extrativistas pela sobrevivência e contra a exploração, pelo direito à vida e contra a ganância do patrão seringalista. A cultura musical, assim como diversas outras atividades, como o parto, a alimentação, a produção de bens comuns como instrumentos de trabalho, canoas e artesanatos, também fluíram através desta convivência. As músicas e os bailes promovidos nos seringais expressam uma forma de vivência cultural e comunitária que valoriza fortemente a dança e um desenvolvimento rítmico que dialoga com músicas de outras regiões da Amazônia Ocidental, como Bolívia e Peru, convergindo em ritmos como a cumbia e o forró do nordeste brasileiro (Santos, 2024, p. 184).

Levando em conta todo esse cenário, a entrevista foi organizada de forma individual e orientada por um questionário livre, composto de perguntas abertas e ao mesmo tempo receptivo às informações espontâneas da entrevistada. O tema que conduziu a entrevista foi a primeira hora de vida do bebê, abrangendo o pré-parto, as concepções da parteira sobre acompanhamento da mulher, parto e nascimento do bebê, bem como as formas de acolhimento e cuidado da parteira com o bebê, assim que retirado da barriga da mãe. Os objetivos relacionados à realização da entrevista consistem em evidenciar o conhecimento

⁷ Agradecemos ao músico e pesquisador Alexandre Anselmo dos Santos, coordenador da ONG Baquemirim, por conceder informações sobre a história de vida de Dona Zenaide, que permitiram realizar complementações biográficas neste trabalho. Dissertação de mestrado que Analisa o trabalho musical de D. Zenaide e outros mestres e mestras do Acre: Santos (2024).

tradicional de mulheres da região amazônica, considerando as relações de educação comunitária, culturas e formas de resistência no ambiente rural, indígena, seringueiro, mas também nas cidades, como notamos no relato de D. Zenaide.

Propõe-se, por fim, trazer à comunidade científica a memória e a prática social da parteira tradicional, correspondendo inclusive ao recente reconhecimento da atividade das parteiras como patrimônio cultural brasileiro: "Ofício, Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais do Brasil" (2024/PL912/2019). Este trabalho corresponde também a longa jornada de trabalhos e pesquisas em torno do tema, dentre os quais destacamos o "Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil", realizado pela Universidade Federal de Pernambuco e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2021 (Universidade Federal de Pernambuco, 2021). Ainda cabe destacar que a presente entrevista é uma forma de complementar a visibilidade e complexidade de trabalho de Zenaide como parteira e artista, e não tão somente uma coisa ou outra.

O processo de construção do depoimento como fonte primária a partir da entrevista, ou seja, do texto oral, fundamentou-se numa transcrição *ipsis litteris*, mantendo grafia de palavras não dicionarizadas, regionais, neologismos, onomatopeias da entrevistada, bem como a fluidez discursiva tanto da pergunta a, quanto da entrevistada, com a intenção de favorecer o desenvolvimento temático do diálogo em questão. Foi efetuada a transcrição fiel de verbos que na oralidade perdem a sílaba inicial, como "estar" para "tá" e as demais conjugações referentes ao verbo estar; foram mantidos alguns marcadores conversacionais como "ai", "então", "percebe" e "né", para explicitar a fluidez e a interlocução no diálogo; e foi mantida a estrutura sintática de orações e períodos conforme as variações linguísticas sociais e regionais que constituem a fala da depoente. A opção por manter as características orais do discurso da depoente na sua versão escrita se justifica pelo interesse no regionalismo, na cultura e nas formas de enunciar seu modo de viver e perceber o mundo; elementos que, na conversão para a norma padrão da língua, poderiam ser perdidos.

Destacamos, com isso, que entendemos esta entrevista e sua forma de apresentação como um meio de "escutar" a pessoa que fala. Um primeiro retorno frente à necessária valorização de seu saber e da forma como o expressa, o que consideramos crucial na "guerra de mundos" em que vivemos. Nesta guerra, a palavra própria tem lugar destacado na criação de outras vidas, das múltiplas formas de viver frente ao frenesi desenvolvimentista que tenta devorar os mundos que insistem em permanecer.

Local: Rio Branco - Acre⁸

Data: 07/01/2020

RESULTADOS (ENTREVISTA)

Pergunta - Colocamos uma direção para a entrevista, que é primeira hora de vida do bebê, logo quando ele nasce. Gostaríamos de saber o que a senhora faz com os bebês, a partir da primeira hora que nascem. Os cuidados nessa primeira hora de vida, a partir do momento em que é retirado da barriga da mãe; a senhora já pensa enquanto cuida de uma mulher que está grávida em alguma coisa relacionada à saúde do bebê assim que ele nasce? Algum cuidado ou algo que você indique para a mulher grávida fazer pensando na saúde do bebê?

Dona Zenaide - É, vou me apresentar, meu nome é Zenaide. Sou parteira aqui do Acre. Eu vou responder a tua pergunta, uma boa pergunta, porque quando a mulher está grávida, que ela me procura como parteira tradicional e para mim "pegar" a criança dela, até quando foi lá pelo (nono) 9º mês, o que eu indico para ela, para a saúde dela e do neném, é uma boa alimentação, alimentação saudável. Sabe ... fazer tudo para não se estressar e ter calma, ter cuidado com a vida, não andar ... não ficar andando por aí, entendeu? Ter cuidado até nos

⁸ A pesquisa e roteiro da entrevista foi elaborada pela enfermeira Yara Luany dos Santos França. A entrevista foi realizada nesta parceria, em janeiro de 2020, por ocasião do estudo da chamada *golden hour*, a hora de ouro, primeira hora de vida do bebê e para o levantamento de depoimentos da parteira Dona Zenaide, que até o momento não possui registros acadêmicos. A então estudante de enfermagem realizou a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulada "A massagem Shantala no manejo das lactantes após procedimento doloroso: um estudo quase experimental piloto", em 2022, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

passos dela, que é para ir tudo bem. Tudo isso traz saúde para ela e para o filho dela, que está no ventre dela, né? E também, principalmente, beber bastante água, entendeu? Porque a água é importante, água é coisa líquida; só não refrigerante, que eu não deixo beber, não indico o refrigerante porque o parto da mulher fica mais difícil. Nós como parteiras tradicionais não indicamos para a grávida tomar refrigerante de tipo algum.

Pergunta - O que ele (o refrigerante) faz?

Dona Zenaide - É porque o refrigerante tem uma substância que contrai o colo do útero e fica duro na hora de abrir o colo. Aí fica duro, a mulher sofre, sofre, sofre, sofre. E não abre o colo do útero, por causa de uma química que tem no refrigerante. Ele (útero) é assim, escamoso e cheio de coisinha assim que nem a moela de galinha, já viu? Já viu moela de galinha por dentro? Então, repara, olha a moela, ela é aquele corinho. Assim, que dali ele vai, ele encolhe. E diminui, quando o neném vai descendo, ele vai abrindo. Aí quando o neném chega e desce, ele fecha, porque se não a mulher ficava com ficava com o feto quase caindo quando se levantasse, né? Porque, o menino nasce e a cabeça desse tamanho passa pela vagina da gente, né? Aí é, pois é, isso aí é o primeiro ponto é, é de cara. É a alimentação, uma boa alimentação, alimentação saudável. Fazer tudo para não andar estressada, ter cuidado, fazer exercício, e não todo o exercício, tem que fazer exercício adequado para a gravidez. E na hora do nascimento, na hora que nasce, o nono mês, né, quando tá com nove meses completos, o pessoal manda me buscar em casa, eu vou, chego lá, eu tomo conta da mulher e começo a dar carinho, começo a fazer massagem...

Pergunta - Quanto tempo antes?

Dona Zenaide - Quando ela vem buscar antes de descer o tampão, porque a mulher, quando vai ganhar, desse tampão dela, né? Aí, se for meio longe, mandam me buscar antes, quando ela começa a sentir. Então, se for mais perto, quando já está mesmo bem aperreada, aí vem me buscar. Eu fico, faço parte e fico lá com ela um dia, às vezes, um dia e meio, às vezes venho embora na mesma hora que termino, quando tem alguém que cuide.

Pergunta - E nesse momento, é quando a senhora vai chegando no pré-parto? Antes dela começar o trabalho, tem algo que indica alguma para elas fazerem, que pode ajudar na hora do parto, que ajuda o bebê nascer mais saudável também?

Dona Zenaide - Sim, é o chá de folha de algodão, algodão roxo. Não é todo algodão não, é o algodão roxo. E a gema do ovo, da galinha caipira, aquela gemazinha bem amarelinha. Porque ali não é para criança ficar forte, é para ela ficar forte para a criança nascer mais saudável, porque se a mãe estiver fraca, desnutrida, aí ela nunca que vai ter força para pôr aquele filho fora na hora, na hora certa. E se não nascer na hora certa, provavelmente vai nascer doente, porque tudo tem a hora, né? Tem que ser naquela hora certa, a pressão, quando a criança às vezes vem nascendo, que ela engancha o pescoço, aí ela já vai ficando azul, roxa, a criança vai ficando roxa, porque já está passando da hora e muitas vezes vem daquilo que ela não tem feito na quando está grávida, na gravidez. Daquilo que ela não tem, não faz na hora do parto. Entendeu? Aí também eu dou o chá de pimenta do Reino. Também é muito bom.

Pergunta - Esses chás que a senhora está falando ajudam ao útero expulsar o bebê?

Dona Zenaide - Ao útero expulsar e a criança também, que está dentro, ela fica mais agitada para descer logo.

Pergunta - Pimenta do Reino?

Dona Zenaide - É, ó assim. Quando a mãe bebe, o sangue já vai para criança, né? O sangue da mãe já passa lá. Aí, a criança fica mais alerta e o colo abre mais direito.

Pergunta - E como que começa o trabalho de parto?

Dona Zenaide - Ah, o trabalho de parto é assim, a mulher com 9 meses completo. Ela começa a sentir uma dor aqui, primeiramente, às vezes mais aqui nas costas (região lombar), se for menina, mais é aqui assim (baixo ventre). E se for homem aqui nas costas. Aí começa a correr aquele mucozinho branco. No começo é branquinho, sem ser pegajoso, só aquele que escorre bem assim que nem um catarro. Aí, passa com um pedacinho, a dor vem aumentando mais.

Aí a dor dói. Dói aqui (lados da barriga) assim, de um lado, de outro, aí dói aqui, a mulher fica meio enjoada, a mulher fica ruim. Aí, já vem aquele que desce (muco), ela vai fazer xixi, já vem aquele... aquela bola, assim. Daquele muco misturado com sangue. Agora, ali ela já conhece que entrou em trabalho de parto, porque desceu o tampão. Quando a mulher tá assim, o nenê tá aqui(demonstração) que é o colo do útero e aqui é a cabeça de neném, que o neném vai, vai e aí chega e vai aqui. Quando ele encosta aqui, a gente vai fazer o pré-natal (exame de toque) pega e sabe que a cabecinha dele tá encaixada, e quando ele vai empurrando, assim, aqui, a mulher tem um tampão que se chama Jurubuna, que é na língua nossa de índio, é Jurubuna, que vai aí, ele vai, sai aqui a cabeça também, empurra aquele tampão, aí aquele tampão desce, e quando desce, ali é o sinal da entrada de trabalho de parto. O trabalho de parto, e aí já sabe, a mulher manda chamar a parteira, porque dali não tem mais como o menino voltar, não tem lua, não foi a lua, não foi nada, é o menino que vai sair, entendeu? Aí a gente chega lá e já sabe, chega lá e a barriga está lá embaixo... Aí é aquela dor, a gente começa a esfregar e começa... e vem a calma, e é aí quando deve descer lá e ver o menino nascer. É muito bonito. Faz massagem aqui (demonstração)

Pergunta - Para empurrar?

Dona Zenaide - Não, faz massagem na barriga, porque aqui a gente, a mulher, aqui tem dois pontos, é o ponto Meridiano. Esse ponto aqui, ele vai para o útero, aí está na hora, porque está doendo, a barriga da mãe está doendo muito. É porque o útero está expulsando a criança; aquela dor, quando a mãe está para não aguentar, a parteira vai, mexe aqui nesses dois pontinhos que têm bem aqui assim (demonstração). Aí mexe assim, aí pega e faz assim (demonstração), quando faz assim, pronto, passa toda a dor, porque o útero, ele relaxa. Aí, a gente salta de novo, se você quiser que venha, logo você faz assim na barriga. Aí, fica dura, dura, dura, dura, dura, que aí vai começando e tudo isso é trabalho de parto... Aí, você vai por aqui, pede para a grávida andar, tudo andando, desce por um lugar grande, se der, você vai andando pra acolá. Aí, quando é pra você saber se o filho vai nascer, dá para perceber! Eu conheço pelo nariz da mulher. É porque ela começa ela a botar a força, entendeu? Aí o nariz vai ficando assim, agora vai ficar comigo, botando força mesmo. Só de repente, vem aquela contração forte, aí eu vou contando 10 minutos.10 minutos. 8 minutos, 5 minutos, 4 minutos, 2 minutos. Aí já vem a cabecinha.

Pergunta - Normalmente, quanto o tempo demora parto que a senhora faz?

Dona Zenaide - Maninha, tem deles que demora até 4 dias e tem deles que com 10 minutos; eu chego lá ver com 30 minutos, aí tem deles que 4 dias. Quando eu comecei a fazer parto, eu passava de 4 dias na casa da mulher, mulher do primeiro filho. Ih, porque era tudo desinformado, né? Era mulher que não tinha informação nem de nada, só fazer e parir, não sabia nem a cara que o menino estava. Espera, maninha, aí chega, as vezes mandavam buscar a gente antes do tempo, às vezes, estava sentindo uma dorzinha, pouquinha... eu fui para casa de uma mulher que ela começou a sentir, era mês de agosto, ela começou a sentir dia 22 de agosto, aí eu fui para lá, aí cheguei lá 22 de agosto. Aí passou 24 de agosto, 25 de agosto, fui embora pra casa, ela não tinha ganhado. Ela foi ganhar em setembro. Porque todo sinal, só não tampão, mas o outro sinal, tudo vieram, tudo vieram. Aí eu digo pra ela, digo, ó, aí é a força da lua. A Lua era cheia, digo, a força da lua, porque a força a Lua também, ela trata muito disso aí. Entendeu? O ser que está na nossa barriga, que a gente conecta quando está grávida, depende muito do astral, da lua.

Pergunta - E tem mais alguma tradição, alguma coisa que a senhora faz que ajuda?

Dona Zenaide - Tem do exercício na hora do parto, o exercício também que a gente faz elas também. E mais, o que ajuda mais sabe o que é? A tranquilidade. O amor que passa da parteira pra parturiente, pra grávida. Nós, parteira tradicional, não chama "parturiente", não. Chama "mulher que tá parindo", "mulher buchuda", é assim porque a nossa língua é a tradição da mata, é a tradição da parteira; parteira nunca sentou num banco de faculdade pra aprender as coisas científicas, né? Tem que falar tudo é do jeito da mata mesmo. Eu, você entende... falo desse jeito aí, o pessoal tudo gosta de mim, porque eu sou assim, entendeu? É então esse negócio, ah, porque deu luz... que deu luz... pariu! Pronto! Meu Deus, ela pariu, porque está buchuda, esse negócio de grávida!

Pergunta - É verdade! E quantas pessoas participam do parto?

Dona Zenaide - No começo, era eu e a parturiente, que é a mulher que tava parindo, a buchuda. Aí, depois, começaram a inventar de levar uma pessoa da família (descendente da parteira), porque a gente já estava ficando velha e quando ficasse velha, que não pudesse mais fazer o parto, aquela pessoa que acompanhava substituía ela. Aí, eu levava uma sobrinha minha, levei uma filha. Mas minha filha nunca quis, era só uma, ela nunca quis aprender, ela tinha medo, aí eu sei que agora inventaram um negócio de uma doula. Quando eu vou fazer o parto em casa, aqui em Rio Branco, está com dois ou três partos que eu faço aqui que tem doula. Os outros, é só eu, o marido e a mulher que está parindo. E eu ainda acho melhor com pouca gente, muita gente não gosto muito não.

Pergunta - Não? Por que?

Dona Zenaide - É...Atrapalha muito. Um diz uma coisa, outro diz outra, para que isso tudo! É... um fala até besteira. A mulher, quando está parindo, ela é muito sensível, ela não pode ouvir uma palavra ruim, tem que ouvir tudo palavra boa, palavra de carinho, tanto do marido, como da parteira, como dos filhos, né? Ela tem que ser colocada num centro de coisas maravilhosas, ali, é "ou língua ou o beiço", quando a mulher engravidada, "ou pare ou morre".

Pergunta - E a doula, a senhora acha que ajuda a presença da doula?

Dona Zenaide - Sim, ajuda até que ajuda. Tem umas aqui que elas ajudam bem, mas o marido ajuda mais. É o marido que ajuda mais porque assim, porque a doula, ela nunca tem aquele amor que o marido tem, né? Sim, o marido, ele beija mulher, o filho...é dele aquilo ali.

Pergunta - E a mulher também é importante para ele...

Dona Zenaide-E ele aí é importante para ela. Todos os dois estão grávidos. O marido também pensa que não engravidada. Não, engravidada sim. Mas, no pensamento, em pensar que vai ser preciso comprar isso, comprar aquilo, educação do meu filho isso, aquilo, outro. É gravidez também, e ainda a maior gravidez é a do homem, porque quando a mulher ganha, o homem se preocupa mais. Agora, a mulher tem um peito para dar e o homem tem que buscar o alimento, né? E é desse jeito, sabe que as pessoas que vivem aqui na zona rural, na mata, aqui não tem que a cidade lá por onde eu vivo e aqui também. Na cidade, eu já fiz vários partos aqui. E os maridos são muito participantes, muito, é muito, muito mesmo. Participam bem do parto e tudo. Eles cortam o umbigo da criança. Eles terminam banho.

Pergunta - E no instante que a criança nasce assim, assim que ela sai, qual que é a sua primeira ação?

Dona Zenaide - A minha primeira ação, quando eu pego a criança aqui, eu já viro para cima da mãe. Hum, boto em cima da mãe e sem roupa. Pelada mesmo. Não pode ter roupa não, porque fica pelada que é para o contato da pele da mãe pegar no filho e do filho na mãe. Aí, dali, vou incentivar a mamar, que é para expulsar a placenta, aí ele vai lutando, aí quando, se tiver sangrando, que eu estou vendo que aquele sangramento está meio perigoso, entendeu? Aí eu deixo a mama com o pai, ou, então, se tiver a doula, porque tem dessas que o biquinho do peito é bem lisinho e pode não pegar, aí vão fazer "alicate", aquelas coisinhas para criança pegar, e aí eu vou cuidar aqui da mãe.

Pergunta - Então, a primeira coisa é o contato pele. A pele e a amamentação, primeira preocupação.

Dona Zenaide - E. É a primeira preocupação que eu tenho. Aí depois vou cuidar da placenta, que é o resto que está na mãe, né? Ainda tem que expulsar lá de dentro. Aí eu espero, quando eu viro para cima da mãe eu espero 5 minutos, eu pego, no antes de 5 minuto, eu pego assim no cordão do umbilical dele, e se tiver pulsando eu não corro, aí eu só corro quando ele está paradinho, assim que ele fica molinho, aí eu vou cortar ou dou para o pai cortar, ou então eu mesmo corro.

Pergunta - Você corta quando ele para de pulsar?

Dona Zenaide - Sim, porque o que é bom, porque está na mãe e ainda na placenta, tem muita coisa boa, muito, muito nutritivo, muita coisa, né? Aí está passando para criança. Se

você cortar logo, perde metade da riqueza que a criança tem que receber. A primeira hora de vida da criança é essa porque ela nasce metade 10 minutos, 20 minutos, 30 minutos, é o nascimento. Depois, ela está toda bem arrumadinha, vestindo a luvazinha, o sapatinho, blusa, chapeuzinho, porque eu gosto de por um gorrozinho na cabeça, pra não ficar com a cabeça muito grande, tem menino com a cabeça grande, né? Aí, com aquele gorrozinho que é pra ficar bem, bem legal. Então, vou primeiro ajeitar a mãe, eu faço, assepsia nelas tudo direitinho, aí forro ela e boto ela na cama. Aí vou reparar o menino, como é que está, não é? Olha os dedos, se é aleijado, olho tudo, olho o ouvido, olho orelha, olho tudo, abre a boca, olha o céu da boca e tem dele que tem a língua pregada. Tudo isso eu faço, entendeu? Aí, vejo os dedinhos, se estão tudo completo, como é que é a unha, pode me perguntar assim, você fez um parto e fiz, e aí o parto foi bom? Eu tenho que dizer, foi ótimo. Aí, se eu disser, foi ótimo, está todo completo, não está faltando nada, né? Aí, se tá faltando, o parto foi muito bom, só que o menino nasceu com defeitozinho, que Deus o livre, né? A parteira tem direito fazer isso. Depois daí, vamos se preparar para o banho. – “Ô comadre, bota uma água de molho aí ou uma água no fogo. Aí é o Comadre: bota água no fogo para esquentar”...eu ponho uma água dentro da banheira, uma água fria. Aí, vou olhando aquela água ali, se não tiver 25° de temperatura, né? Aí eu pego o neném, se o pai quiser dar banho, ele dá, se não quiser, eu dou banho, e aquele sebinho que a criança nasce, depois que some na pele, porque aquilo ali ele serve para limpar a pele, a gente fica com a pelezinha bem limpinha, que nem a pele da criança.

Pergunta - Aquela coisa branquinha, então a senhora deixa no começo?

Dona Zenaide - É, no começo, enquanto não acaba aquilo, não dou banho não, porque aquilo ali, aquele sebinho ali é uma proteína, um negócio que é produtora da pele. Ensinaram um remédio para mim lá em Pernambuco, que podia juntar um bocado daquele sebinho, quem pega muito menino pode juntar, né? pra fazer pomada que tira todo cravo, tudo que é coisa do rosto.

Pergunta - Agora sobre a mulher, o que mais a senhora pode dizer sobre placenta?

Dona Zenaide - a placenta, eu tenho que pegar ela, eu tenho que examinar. Eu pego com uma fralda de pano. A placenta sai expulsa por ela mesma, porque, assim, tem uma oração que eu rezo. É a oração da Santa Margarida. Quando termina, dá 2 soquinhos, bem devagarzinho no colo do útero, ela desce, quando desce, a responsabilidade é grande pra gente olhar, a gente pega ela, bota na palma da mão, está de luva, né? Aí, pega um pano, ensopa assim no pano com aquele sanguezinho para ver, porque ela é toda cheia de quadrinhos...Cada pedacinho daquele significa uma coisa. Se ela tomar álcool, se a mulher beber na gravidez, o pedaço está duro, duro, branco, porque a placenta não deixa aquilo ali passar para criança, porque já pensou se passar para a criança, se a mãe beber um álcool e foi para o para o para o cérebro da criança, que coisa? A placenta vem, aí a placenta está bem branquinha e seca. Aí se ela for fumante está bem assim, bem roxo, meio mole. É a nicotina do tabaco que está lá, aí você olha, se está faltando alguma juntinha, algum quadrinho daquele, porque se estiver faltando, pode ter ficado dentro do útero e dar uma infecção na mulher, aí você vê tudo direitinho, eu tenho um saquinho, tenho tudo ali, aí eu vou, pego e jogo tudo dentro. E o pai faz o que ele quiser, se ele quiser comer, ele come, se ele quiser enterrar, ele enterra. O pai é quem faz tudo. Mas, agora eu estive lá na Bahia, e tinha uma moça lá do Xingu, que ela me ensinou uma técnica muito boa, disse que a gente pega a placenta, a gente faz tintura com a placenta. Pega cachaça 61, aí tira o pedaço da placenta, põe dentro daquela cachaça e deixa passar 15 dias, diz que para o cérebro, para derrame, para tudo que é coisa, ela ensinou. Ela ensinou, aí eu gravei tudinho no meu celular, quando eu pegar criança agora que eu estou com uma mulher, ela veio ontem, é daqui para dia 20 que ela ganhar, aí vou fazer. Eu falei até para ela. Ela disse que vai comer um pedaço. Olha, que ela vai me dar, vou fazer. Agora, comer, ai de mim eu não comi não. O pessoal diz que é bom que só, eu não tenho coragem não, não porque acho que é imundície, não. É porque é diferente...

Pergunta - E a senhora considera essa primeira hora de vida importante para o vínculo da mãe e da criança?

Dona Zenaide - Criança, sim, muito, muito. Depois que a gente zela tudo e põe tudo, quando a gente já põe em cima da mãe, já criou um vínculo, porque na barriga já tem o vínculo,

só que ela não está vendendo, né? Quando nasce, quando ela vê a criança, a mãe não acha a criança feia, e pode ser feio. Todo mundo vê, mas a mãe acha lindo. Ali já começa o vínculo maravilhoso, "minha filha, ai, meu Deus, tão bonitinho da mamãe", pode ser feia, eu posso achar, "mas ela não acha". E o carinho? Ai, isso é um muito maravilhoso, daquela hora em diante, aí quando começa a mamar, aumenta mais, aumenta ainda mais. Quando chora, você já lembra logo: no peito. No peito é melhor de você olhar, se é bonito mesmo ou não, vira para o outro lado. Eu ensino também como é que amamenta, amamenta para um lado, depois vira para o outro. Se quiser dar com os pés para cá, os pés para lá, o tanto que mama nesse, que mama nesse outro...

Pergunta - E eles mamam com aquele primeiro leite né...

Dona Zenaide - O colostro, mamam. Tem vezes que já nasce um mamando, chega, chupa; agora tem outro que é a maior luta pra pegar;

Pergunta - E aí, como faz para pegar?

Dona Zenaide - É... faz tesoura no bico. Ó, quando é bem miudinho, aí faz assim... quando é bem miudinho, faz assim (sons de sucção)... Aí, presta atenção, quando presta atenção, quando nasce um menino de cesárea, pela cesariana, ele só nasce chorando, chorando, chorando, até se acabar, alguma coisa acontece com ele. Porque ele faz "coê, coê, coê, coê", aquilo é alguma dor, alguma coisa. Aquilo ali puxa de dentro da barriga pelo pescoço, com certeza aquilo ali dói.... não é igual quem nasce e já chega nas mãos macia, né? Põe ali, já bota em cima da mãe, aquela coisa... aí é muito bom.

Pergunta - E ele não chora. Como que é?

Dona Zenaide - Chora. Mas, mas pouco, não é? Quando ele chora, faz "coê, coê, coê, coê", aquele pouquinho, fica tentando colocar o dedo na boca por ali, a gente fica falando com ele, ele já fica olhando a gente. Já fica procurando a gente, ele bota o dedo assim e fica levando a vista. Ah, olha... Muito legal.

Pergunta - E eles têm algum líquido dentro deles, que precisa retirar?

Dona Zenaide - É, tem sim. Eu tenho um aparelhinho ali que é uma "pêra", uma "pêrazinha". E tem o outro aparelho também, só que esse outro eu ainda não usei, ele é muito sofisticado. Não dá nem quase para eu estar com ele. Aí, eu pego e levo meu, mas é difícil, é difícil nascer com aquilo.

Pergunta - No nariz, na boca...

Dona Zenaide - Sim, porque só nasce com aquilo ali, se você não tiver cuidado na hora do nascimento. Na hora do nascimento, a parteira pega, quando vem nascendo o nenê, você pega e já pega a fraldinha limpinha, que está aqui (demonstra na mão), aí enrola aqui no dedo ou então a gaze, e quando vê que passa, que vira o ombrozinho, e passa no outro, você passa o dedo na boca assim ô (demonstração), que é para quando ele chorar, não puxar nada. Aí já limpa! Maninha, ser parteira é uma profissão muito, muito fina! Cuidado medonho, aquilo ali é vida, é vida. Aquilo ali, se a gente não cuidar... Agora, antes, quando eu não tinha aparelho, não tinha nada, eu chupava com a boca, chupava mesmo. Eu botava uma fralda, um pano, que nem fralda não era. Era um pano, um cueiro que chamava, eu colocava assim em cima do narizinho. Chegava enchia a boca daquilo, salgado. Eu passava dois dias sem comer depois que fazia um parto, é salgado, fedorento, você comia aquele (substância) sal. Chupava e cuspiam.

Pergunta - Da boquinha dele?

Dona Zenaide - Da boquinha, da boca com o nariz com tudo. É bem pequenininho, né? Eu salvei, logo no começo dos partos, eu fazia muito, não tinha aprendido ainda essa técnica, né? Depois, já me ensinaram muita coisa, depois eu comecei a fazer.

Pergunta - E falando um pouquinho sobre a senhora, quantos partos a senhora já fez?

Dona Zenaide - 384. Completou agora esse mês, no mês passado, entendeu em dezembro.

Pergunta - 384, muita vida, né? E a senhora faz música para as crianças, faz para todas?

Dona Zenaide - Faço só depois que eu estou aqui em Rio Branco. Aí eu comecei. Eu estava fazendo um parto da comadre Ana, o primeiro parto que eu fiz aqui, e o nome da menina era Iani. Aí, não sei o que foi que deu, acho que Deus mesmo, me tocou para mim fazer uma música. Aí, eu fiz e depois fui fazer outro parto dela, e fiz. Depois fui fazer outro parto de uma carioca que mora, mora lá, que é professora da faculdade de música, eu fiz o parto dela, Alice o nome da menina, fiz a música, eu sei que está com 8 partos que eu faço aqui, todos ele tem música. Na hora do nascimento, desce aquela música, conforme o sofrimento da mulher, a beleza da criança, e o que eu acho, não sei como é, é um dom mesmo. Aí, cai tudo.

Pergunta - Tudo, mas vem assim na cabeça da senhora?

Dona Zenaide - Vem, vem e não sai mais.

Pergunta - A senhora escreve logo depois?

Dona Zenaide - Eu nem escrevo nada. O Alexandre me diz, porque a senhora não escreve, não grava, mas a mente da gente é que nem uma caneta..

Pergunta - A senhora decora?

Dona Zenaide - Decoro. Decoro tudinho. Tem a Moara, que eu fiz, vou cantar uma palinha:

*19 de junho, não me sai da lembrança,
o nascimento de Moara me trouxe a esperança.
Moara pelo caminho lindo você chegou...
Eu vi o seu nascimento com muita atenção.
Eu vi sua primeira respiração.
Ô vida, vida,
Ô vida, amor e vida...*

Pergunta - Quando você canta, dá para imaginar o nascimento. A senhora canta quando, na hora, para bebezinha?

Dona Zenaide - É, quando vem nascendo... eu, só faço parto cantando, cantando as minhas músicas, que eu tenho muita, eu tenho umas 500 músicas, sabe, é música de mulher, assim e tudo. Aí, eu começo a cantar e a mulher vai se animando também, vai passando a dor, vai interferindo na dor e não sabe nem se está doendo, entendeu? Aquela alegria, porque é na alegria que a pessoa consegue, né, fica tudo como estivesse dormente. A pessoa nem sente que vai parir. Agora, se você estiver nervoso, com medo, com a cara feia, sem gostar de você ou então um médico que você nunca viu, você está fazendo pré-natal com uma médica depois, quando você for parir é um médico. Você "se abrir" para aquele médico ali, você fica "tudo dura". Nós temos duas bocas, a boca de cima e a de baixo.

Pergunta - E desses partos todos que a senhora fez, teve algum que teve alguma dificuldade quando a criança nasceu ou para parir mesmo?

Dona Zenaide - Para parir teve um que eu não gostei muito não, não me alegréi muito não, quase na hora mesmo, quase mesmo que o menino morria. A mulher tinha 11 anos e 3 meses, a mulher, a buchuda, 11 anos e 3 meses. Não tinha completado 12 anos. Aí eu fui fazer o parto dela. O bucho dela era do tamanho desse nó de pau aí ... meu Deus do céu. A mulher...a mulher nem andava quase direito, bem baixinha. Aí começou a sofrer, a sofrer, aí toquei assim no pé da barriga, desse tamanho (demonstração), meu Deus, cá comigo, mas não falar nada, porque ninguém pode falar nada pra buchuda escutar. Aí, lá vai... E agora? Vai ter. Eu fiz o toque, estava tudo no ponto. Agora vem! Aí quando veio, minha irmã, quando veio, era uma cabeça tão grande desse menino, que até a virilha dela ficou "toda cheia de cabeça". Aí Jesus, e agora, agora para virar, ainda enganchou no pescoço. E agora para virar o menino, mas aí eu fiz a técnica da concha. Corri na cozinha e peguei uma concha de tirar caldo e aí enrolei a fralda e meti na goela dela. Quando eu mandei o marido dela segurar e meter (a concha), quando ele meteu, eu peguei o menino.

Pergunta - Na goela da mãe e aí saiu o bebê...

Dona Zenaide - É, mas mete lá pra dentro na goela dela, até ela dá aquele (som de engasgo), dá aquela vontade de vomitar, aí é a força, né. É, aí, porque tem vez que até... sabe quantos quilos que ele veio, esse menino? 5 kg e 600 g. Não tinha como, se não fosse Deus ter me ensinado aquela técnica ali, aquela mulher ali, ia sair não, aquele menino tinha morrido, estava ficando meio roxo já. Ele saiu bem, quando ela fez força mesmo, ele já terminou de passar o ombrinho e ela ficou quase desmaiada. Então, eu não falo com ela, deixo ela quietinha, falo pro marido dela. Ela ficou só (som de respiração profunda). Ai, eu digo assim: "E aí, comadre?". Peguei no joelho e disse assim, "e aí, comadre, como é que está? Está bem?", "estou, estou bem", "está sentido alguma coisa?" "Não, só assim, aquela tontiça...". E a mãe dela estava lá na cozinha, eu disse, "mãe, faz aí o nescau para a Antónia", ela fez, ela bebeu... e quando assim, ela estava conversando, nem rasgou o períneo dela...

Pergunta - Não???

Dona Zenaide - Você acredita que nem rasgou? Todo mundo se admira que eu faço parto que não rasga o períneo. Nunca, nunca, nunca. Tá aí! Todo mundo que eu fiz parto, pode perguntar, nunca.

Pergunta - Que maravilha!

Dona Zenaide - É porque eu protejo isso aqui da mão (demonstração). Ponho uma fralda aqui, aí põe, quando tá nascendo, assim no períneo, você põe a mão assim que é, para proteger, sem deixar solto, se não rasga, aí tem que proteger.

Pergunta - E a cabeça do neném. Nunca aconteceu de o neném sofrer, se machucar...

Dona Zenaide - Não, não. Nunca. Graças a Deus. Tudo com sucesso, os partos que eu fiz, tudo com sucesso. Ai, depois, bota o bebê no braço dela lá na cama, ela fica com a criança lá, porque se ela não quiser, manda por na caminha lá no berço, né? É ela que sabe, mas eu entrego pra ela. É porque a mãe, sempre nos hospitais, ela reclama que pare e fica muito distante dos filhos, levam pra lá, vem, bota naquele bercinho lá longe dela, e ali, o contato da mãe com o recém-nascido é muito maravilhoso. Olha, parece que ele está chorando, a mãe pega, ainda que não tem, não dê a mama, mas só na quentura da mãe, a criança já fica calada. E aí eu dou para ela lá e fico lá, "e então, cumadre, tá bom?" Então, vou embora.

Pergunta - E quando corta o cordão umbilical, tem alguma que técnica que a senhora faz para cicatrizar?

Dona Zenaide - Tem, é, eu compro álcool iodado, na farmácia. Aí, só o álcool iodado e não cobrir, não deixar muito embaçado, né? Deixar ele meio soltinho só com aquela gazesinha bem fininha, por cima, e amarro ele, não, ponho aqueles ferros, amarro com coisa de algodão, eu faço uns "palitinhos" de algodão de amarrar, e logo ele cai, com 3 dias. E quando cai, já fica quase sarado, aí, eu peço pra mãe pôr só o álcool, para secar, porque ali tem que estar sequinho, para não dá doença, né? Porque o tétano, ele gosta de coisa escura e meladinha, né? Ele entra lá dentro. Depois que mama, a criança fica tranquila. Tem deles que chora, mas tem deles que dorme. Chega, dorme mesmo. Fica quentinho ali toda e tem que proteger bem, porque ela saiu de um canto muito quente, né? Que é dentro da mãe. Aí, tem que botar umas boas mantazinha, quando a pessoa tem, mas quando não tem, quando é na zona rural, eu jogo qualquer paninho, porque não tem. Mas, que o adequado é cobrir, proteger bem do frio. Porque se está lá num canto quente, vai pro frio, pega até uma doencinha.

Pergunta - Tem alguma coisa a mais que tem que olhar, que funcione no organismo dele, logo após o nascimento?

Dona Zenaide - As fezes, como é que está, porque as primeiras fezes da criança que é ligada, verde, aquilo ali, não fique com medo, que é normal. Aí, com 4 dias, 3 dias, vê como é que está as fezes dela, porque sempre costuma ser um cocô durinho, se tiver sadio aí tudo bem, se não, porque antes de quatro dias eles "cagam" mole, aquele melado, por causa do colostro. O colostro é um tipo de leite que expulsa o que é de ruim de dentro da do intestino da criança. Aí, quando começa a ficar durinho o coco... se mudar o coco de duro para mole, tem que prestar atenção em alguma coisa, olhar se a moleira está funda, porque se a moleira tiver funda, às vezes, em algum vento caído, algum quebrante, alguma coisa...

Pergunta - E algum benzimento para a criança, tem?

Dona Zenaide - Tem... quando nasce, com sete dias o pai vem me buscar. Eu vou na casa da mulher que pariu, aí tem uma oração que a gente faz a oração para curar, fechar o corpo para pegar doença, nem caroço, nem nada. Os que eu peguei tudinho, está aí as mulheres para dizer, as crianças limpinha, limpinha...

Pergunta - É uma oração que não pode falar... rsrs

Dona Zenaide - Mas tem outra uma para criança, que ele dependura a criança assim, com esse 2 dedos, bota 2 pezinhos aqui, dependura aqui na porta, de cabeça para baixo. Aí diz "quando Deus andou no mundo, 3 coisas ele curou, quebrante, vento caído e mal olhado. Pois, com o dedo de Deus, deve ser curado. Aí vira ele de novo, aí vira ela para cima. Quando Deus andou no mundo e as coisas ele curou, quebrante, vendo caído, e mal olhado, custo de Deus, ele deve ser curado. Aí quando termina de fazer essa oração, aí reza uma ave Maria e um pai nosso, aí eu ofereço para o nosso senhor Jesus Cristo. Pronto.

Dona Zenaide - Agora vou cantar a música do último parto:

*Dia 20 de agosto foi grande a animação,
O nascimento de Monai trouxe grandes emoção,
Chora pai, chora mãe, chora a avó e seus irmão
Quando foi à meia-noite, um grande grito se ouviu
o nascimento de Monai, um paraíso se abriu,
Monai, você é uma princesa encantada
Que nasceu no Paraíso com a parteira a seu lado.
Você é linda, você é a minha flor
Você é uma princesa do Paraíso de amor...*

Pergunta: É como se a senhora recebesse, recebe a criança e recebe essa música, de onde?

Dona Zenaide - Do astral, do astral, de Deus.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Acho que os índios podem nos ensinar a repensar a relação com o mundo material, uma relação que seja menos fortemente mediada por um sistema econômico baseado na obsolescência planejada e, portanto, na acumulação de lixo como principal produto. Eles podem nos ensinar a voltar à Terra como lugar do qual depende toda a autonomia política, econômica e existencial. Em outras palavras: os índios podem nos ensinar a viver melhor em um mundo pior. Porque o mundo vai piorar. (Eduardo Viveiros de Castro).

Mulher que cuida de mulher que, "quando engravidá, ou pare ou morre", Dona Zenaide tece cotidianamente práticas que se opõem aos mundos de mortes produzidos pelo absolutismo do desenvolvimento; práticas sustentadas, literalmente, no viver e no fazer viver. É isso ou aderir ao sistema de morte que nos rodeia – e que rodeia com muito mais violência os povos indígenas que vivem estes territórios. A simbologia da entrevista fala por si só e remete à autonomia não só política quanto existencial, em tempos que fomos acostumados a engolir, como se fossem estes refrigerantes adocicados que Zenaide critica, as tenebrosas figuras do fim produzidas pela devastação capitalista. Quais respostas fazem frente ao desastre do frenesi pelo crescimento e desenvolvimento? Seguramente, estão nos códigos de expressão próprios de cada comunidade, isto, é naquilo que cada povo entesoura. Qual tesouro seria esse? Certamente não são os minérios que seus territórios protegem da voracidade do Estado e das corporações; são os seus saberes, conhecimentos e práticas comuns – aquilo que gera vida, enfim. Não se trata de autonomia, portanto, mas autonomias, porque a resposta a um modelo avassalador e unitário só pode ser alcançada por diversas vozes, muitas vozes, que materializam a mensagem das comunidades indígenas zapatistas: "um mundo onde caibam

todos os mundos". Neste, está Dona Zenaide, contribuindo para deixar livres os caminhos e as passagens para que estes mundos existam.

Realizada no início de 2020, a entrevista não está separada do contexto de desastre que nos assola nas duas décadas do século 21 e que motivou o sociólogo Mark Fisher a afirmar que desenvolvemos a capacidade científica de pensar o fim do mundo e perdermos a capacidade política de pensar o fim do capitalismo (Cf. Castro; Danowski, 2017). É posterior à própria previsão, bem acertada, que os zapatistas apontaram tempos atrás: aí vem uma tormenta. Isto é: há uma guerra em curso contra o planeta. Estamos dentro da tormenta, ainda, e alguns princípios bem fixos não nos deixam ser arrastados definitivamente; certamente nestes, está a tradição na qual Zenaide se alista.

Pré-pandemia, o relato de Zenaide pode ser lido na contra-corrente das figuras do fim que tomaram nosso imaginário já naquele tempo, como se invadido pela lama suja e repugnante causada pela corporação privada em Mariana, a lama que não pára de escorrer e crescer e que se faz fumaça incessante no Pantanal, na estranha mancha de óleo que emergiu no Atlântico, nas enormes e centenas de balsas do garimpo na região amazônica, compondo um Mad Max Fluvial que materializa o sinal dos tempos, de rapina, de catástrofe, desastre, de genocídio ianomâmi; das dores da perda, enfim. Algo que só pode ser um fim mesmo, a não ser que o caso das dragas da mineração tragando crianças indígenas possa ser admitido como aceitável e não o fim de um mundo que, no final das contas, deveria mesmo se extinguir. Tudo tragicamente naturalizado, para que as coisas fiquem mantidas como estão. Nesse cenário que é antiutópico, posto que naturalizado, grandes corporações responsáveis pelos desertos de eucaliptos e estouros de barragens de mineração são lideranças de ESG (*Environmental, Social and Governance*), e contribuem para que assim sigamos: confortáveis em uma situação desconfortável. Isto é, pelo menos a população branca, que sonha consigo mesmo, como afirma Kopenawa e Albert (2018), e não é assassinada pelo racismo ambiental que produz. "Mas, afinal, quem vive?", indagava o enigmático inspetor de *Blade Runner*. Nesse projeto de morte, não seriam as pessoas com a cor da terra. Mas o problema, para as corporações, é que, escutando Dona Zenaide, essas pessoas da terra vão viver e fazer viver – e isso está fora do imaginário capitalista.

Como lidar com as figuras do fim produzidas pelo capital? Se há espaço para reverter a crise climática, seu protagonismo se daria mesmo nas grandes conferências ocupadas pelas empresas petrolíferas, maiores que as delegações dos países? Em um mundo onde bilionários, literalmente, estão dispostos a entrar em um submersível rumo ao Titanic nem que explodam dentro dele, haverá redução (reversão seria ingenuidade demais) na velocidade do desenvolvimento? Cabe lembrar a faixa mapuche exibida na última COP: "o capitalismo causou a mudança climática; povos indígenas são a solução". E isto não significa negar a ciência e a política, mas sim qual exercício da ciência e como se exerce a política: "assim porque a nossa língua é a tradição da mata, é a tradição da parteira, parteira nunca sentou num banco de faculdade pra aprender as coisas científicas, né? Tem que falar tudo, é do jeito da mata mesmo" (Zenaide). O jeito e língua da mata é saber e é político – é o jeito possível de livrar o planeta do colapso, ainda.

Estaria essa língua sendo falada nos grandiosos encontros políticos que tomam as decisões sobre o mundo? "Por onde passa a revisão ontológica do planeta? Como se preserva a vida na região pantaneira e amazônica? Como os saberes reconhecidos em contextos Pantaneiros e Amazônicos podem orientar processos formativos que auxiliem a combater a crise civilizatória que estamos vivendo"? História Oral e memória individual se entrelaçam aqui, ao mesmo tempo que são inseparáveis os relatos colhidos para pensar a crônica de um país em dor e de nações esquecidas, num mundo de territorialização das novas lógicas do capital e guerra integral contra as populações pobres e marginalizadas nas franjas do capitalismo. Isso nos leva imediatamente a pensar a relação do que foi dito com a memória social de territórios que insistem em negar de deixar de existir. Guardar espaço para a memória, portanto, é remar contra a corrente do tempo; remar contra a própria corrente do esquecimento (Bosi, 1994, p. 420).

E assim, a transmissão da História pela oralidade, afirmam Speeding Pallet e Colque Jimenez (2003), retira a consciência histórica nacional-estatal para devolvê-la à autonomia, à pluralidade

de quem as constrói e quem as conta, resguardada nas suas percepções próprias da realidade e não do presente e do passado teleguiados por interesses das “razões de Estado”, cívicos, desenvolvimentistas. Não se trata de ser protagonista da agenda ambiental por meio desse modelo; os relatos orais percorrem outras fendas, estruturas, negando o vazio dos ESGs propostos pela agenda empresarial-governamental. Nessa agenda tudo cabe, inclusive modelar um futuro absolutista onde reside a plenitude das corporações como aquelas que irão solucionar o colapso que criaram. É um futuro aniquilador e excludente: é um futuro que mata a diferença, posto que nega as diversas realizações que emanam de nosso presente plural e cheio de realizações. Em “The Climate of History”, Dipesh Chakrabarty expõe exatamente esse problema violento, assim debatido por Viveiros de Castro e Déborah Danowski:

Mostra como o nosso próprio senso da história está ameaçado de destruição com o rompimento da continuidade entre passado e futuro, sem a qual a experiência do presente perde seu sentido. A crise ecológica, tomada como prenúncio da extinção empírica da humanidade, encerra a perspectiva histórica em um paradoxo pragmático: ‘[...] somos obrigados a nos inserir em um futuro sem nós para estarmos em posição de imaginá-lo[...]’. O futuro deixa de ser feito da mesma matéria que o passado, torna-se radicalmente *outro*, não nosso, um tempo que exige a nossa desaparição para aparecer. (Castro; Danowski, 2017, p. 45).

O tempo que rema contra a maré da desaparição é exatamente o tempo das autonomias, de Zymborska a Zenaide. O tempo de se “dividir em duas”: que recolhe a agonia frente ao abismo que nos cerca e que lida com o cenário “morrendo estritamente o necessário”. Portadora de tradições, memórias e histórias que se entrelaçam a um mundo de aniquilação de mulheres – as maiores vítimas do patriarcado, de sua intersecção com o Capital e o Racismo Ambiental – Zenaide abre os caminhos para o “Não Morrer Demais”, mais um princípio fixo frente a qualquer sistema de morte e o colapso que carregam. Se as autonomias já existem e nos livram do monólogo das figuras do fim é também por causa disso. No final das contas, a crise climática provocada pela ideologia do progresso acaba por inaugurar um outro tipo de produção científica, uma espécie de arqueologia contemporânea, simultânea, exercida no próprio tempo do abismo crescente que nos cerca. Nos escombros desses tempos brutos, estão as falas e práticas de Zenaide, encontrando mulheres nas encruzilhadas da violência, envolvendo homens nos processos dos nascimentos, firmando a certeza que aquelas e aqueles que sobreviveram ao fim do mundo de 1500 seguirão ali, de novo, depois de tudo, vivendo e nascendo o quanto for necessário.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Dona Zenaide, pelo carinho e momento de partilha de conhecimento, à enfermeira Yara Luany dos Santos França, autora do primeiro roteiro e parceira na realização da entrevista e a Alexandre Anselmo dos Santos, responsável pela ONG Baquemirim e pelo trabalho com mestres e mestras do Acre. Traduzido por Irina Migliari e Julia Moura; Editado por Andrew Benson (Bardo Editorial).

REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. T. V. **Papo de índio**. Manaus: UEA Edições, 2012.
- BAQUEMIRIM. **Baquemirim**: mestres e mestras da cultural acreana. 2024a. Disponível em: <https://baquemirim.org/>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- BAQUEMIRIM. **Baquemirim**: mestres e mestras da cultural acreana. 2024b. Disponível em: <https://baquemirim.org/discografia/>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTRO, E. V.; DANOWSKI, D. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie, ISA, 2017.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELGAÇO, A. L. et al. **Papo de índio**: entrevista com o Txai Terri Aquino. Comissão Pró-Indígenas do Acre, 2024. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/papo-de-indio-entrevista-com-o-txai-terri-aquino/>. Acesso em: 9 dez. 2024.

MEMORIAL CHICO MENDES. **Reserva extrativista do Alto Juruá**. Manaus, 2024. Disponível em: https://www.memorialchicomendes.org/?page_id=831. Acesso em: 9 dez. 2024.

PANTOJA, M. C. **Os Milton**: cem anos de história nos seringais. 2. ed. Rio Branco: Edufac, 2008.

SPEEDING PALLET, A.; COLQUE JIMENEZ, A. **Nosotros los Yungueños [NnakaxYunkasTuqinkiripxtw]**: testimonios de los yungueños del siglo XX. La Paz: Editorial Mama Huaco-PIEB, 2003.

SANTOS, A. A. **Tchanás, Baques e Cumbias**: estruturas, trajetórias e permanências musicais do Acre na Amazônia Sul Ocidental. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. **Dossiê parteiras tradicionais do Brasil**. Recife, 2021.

Contribuições dos autores

LES: Apresentação e entrevista. JFMB: Apresentação e Comentários.

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Executivo para América Latina: Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira